

ARTEFILOSOFIA

Revista do Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFOP
ISSN: 2526-7892

ARTIGO

FILOSOFIA É BLUES¹

Luís Thiago Freire Dantas²

Resumo:

O álbum *Bluesman*, de Baco Exu do Blues, simboliza um marco estético para o cenário brasileiro. Utilizando a figura do *bluesman*, o músico provoca o discurso hegemônico ao desconstruir o estereótipo dos corpos negros alimentado pela mente colonial e, ao mesmo tempo, incita o encantamento através das vozes periféricas que promovem uma filosofia da cosmopercepção. Dessa maneira, este ensaio faz uso de conceitos da filosofia afrodiaspórica para construir, a partir de *Bluesman*, um princípio estético negro e africano através da dialética fanoniana criando os conceitos de anterioridade, constituição africana e perversão. Com esse caminho, espera-se articular, especialmente nas músicas “*Bluesman*”, “*Minotauro de Borges*” e “*B.B. King*”, a compreensão da vivência negra e africana com a produção filosófica da diáspora africana.

Palavras-chave: Bluesman; Diáspora Africana; Estética negra; Filosofia Africana; Hip-hop.

Abstract:

The *Bluesman* album, from Baco Exu do Blues, is a landmark for the aesthetic Brazilian scenario. Using the Picture of the bluesman, the musician provokes the hegemonic discourse through the deconstruction of the colonial stereotype of black bodies and, at the same time, stimulates enchantment by the peripheral voices that promote a philosophy of cosmoperception. That way, this test makes use of concepts of afrodiasporic philosophy to build from an aesthetic principle Bluesman African Black dialectic fanonian creating the concepts of grandfathering, African Constitution and perversion. With this path is expected to articulate, especially in the songs "Bluesman", "Minotauro de Borges" and "B.B. King", understanding of black and African experience with production philosophical of the African diaspora.

Keywords: African Diaspora; African Philosophy; Black aesthetics; Bluesman; Hip-hop.

¹ Philosophy is Blues

² Professor de Filosofia da Educação da UERJ. Doutor e mestre em Filosofia pela UFPR. Especialista em Educação das Relações Étnico-Raciais. Licenciado em Filosofia pela UFS. Endereço de email: fdthiago@gmail.com.

1. EXU AFIRMA SEU PONTO AQUI NESSE TERREIRO

Exu do Blues

Salve

Exu do Blues

Salve

Exu afirma seu ponto aqui nesse terreiro

*(KL Jay)*³

Baco Exu do Blues desponta para o cenário nacional em 2017, com o disco *Esú*⁴. A capa com um homem de braços abertos em frente a uma igreja e acima o nome Jesus com o “J” e o “S” riscados e acento agudo no “U” ressaltam a significância do mensageiro iorubano no cerne do fundamento religioso ocidental. Fundamentado nessa mensagem, as letras das canções atuam com virulência de maneira que as repetições sonoras multiplicam-se nos ouvidos e causam desconforto. Em outras palavras, a força do álbum orienta-se para que o/a ouvinte sinta na pele toda e qualquer indignação a partir do ritmo e das letras de cada música.

Com *Esú*, o artista ganhou o Prêmio Multishow nas categorias de artista revelação e de melhor canção por “Te amo desgraça”. Exatamente essa música exemplifica a versatilidade do músico ao enfatizar um romantismo carnal afastado de abstração: “Bebendo vinho / Quebrando as taça / Fudendo por toda casa / Se divido o maço, eu te amo desgraça”.⁵ Essa construção lírica aproxima Baco Exu daquilo que, por exemplo, os rappers estadunidenses Kanye West, Kendrick Lamar e Childish Gambino buscam ao extrapolar os rótulos musicais para experimentar outras sonoridades e outras temáticas.

Em 2018, Baco Exu lança *Bluesman*, que simboliza um marco estético não apenas para a cena do hip-hop, mas para o cenário musical brasileiro. O músico utiliza a figura do *bluesman* para defrontar o discurso que estereotipa os corpos negros através de um imaginário racista: “Eles querem um preto com arma pra cima/ Num clipe na favela gritando ‘cocaína’/ Querem que nossa pele seja a pele do crime/ Que Pantera Negra seja mais um filme”⁶ e, ao mesmo tempo, encanta

³ EXU DO BLUES, Baco. “Introdução”. In: EXU DO BLUES, Baco. *Esú*. São Paulo: 999, 2017. Disponível em: <https://genius.com/Baco-exu-do-blues-intro-lyrics> Acesso em: 07/04/2020.

⁴ A capa do álbum ESÚ pode ser visualizada em: https://genius.com/album_cover_arts/162570

⁵ EXU DO BLUES, Baco. Op. cit.

⁶ Id.

através da voz periférica que promove uma filosofia da cosmopercepção: “Eu amo o céu com a cor mais quente/ Eu tenho a cor do meu povo, a cor da minha gente/ Jovem Basquiat, meu mundo é diferente/ Eu sou um dos poucos que não esconde o que sente”.⁷

Esse álbum também foi marcado pelo lançamento de um filme⁸ que compila trechos das músicas “*Bluesman*”, “Queima a minha pele” e “Preto e Prata”, que serve como trilha sonora para a narrativa da corrida de um jovem negro em direção ao conservatório de música. Com esse filme Baco Exu do Blues amplia a experiência do rap para outros produtos culturais e o efeito *Bluesman* exerce imediata repercussão que, como consequência, incide em premiações recebidas pelo artista, a exemplo do Grand Prix, em Cannes, na categoria “Entertainment for Music”.⁹ É uma produção que por si mesma contém elementos que poderiam ser aprofundados em suas peculiaridades, mas considerando o foco deste ensaio ser o álbum em si, destacaremos somente algumas cenas como argumento para o que será desenvolvido na sequência. Outro destaque é que construiremos nossa análise a partir de uma dialética alicerçada em Frantz Fanon. Sua perspectiva enfatiza que a transcendência da negação pura “reenviada a mim mesmo é restituir ao outro, através da mediação e do reconhecimento, sua realidade humana, diferente da realidade natural. Ora, o outro deve efetuar a mesma operação”.¹⁰ Com tais perspectivas, alguns conceitos como anterioridade, constituição africana e perversão serão cruciais para o debate filosófico.

A primeira cena de destaque¹¹ trata-se de uma relação de afeto de um jovem para com um homem velho, sugerindo reverência e admiração ancestral. O tema da ancestralidade marca as produções musicais não apenas de Baco Exu, mas também de toda uma geração mais recente como Djonga, Thiago Elniño, Luedji Luna, Tássia Reis, entre outros/as. Assim, apesar da pouca idade (somente 22 anos), Baco Exu revela um cuidado no tratamento de tal temática, reconhecendo-a como um alicerce para a população negra. Neste ensaio, a referida cena realça outro conceito a ser trabalhado: a anterioridade. Ainda que seja um conceito de proximidade com a ancestralidade, seu propósito é orientar nossa percepção tanto epistêmica quanto política para o fato de que a população africana produziu temas e problemáticas que antecedem aos colocados pelos demais povos, principalmente o europeu.

⁷ Id.

⁸ *Bluesman* (Filme oficial). Disponível no Youtube em:

<https://www.youtube.com/watch?v=-xFz8zZo-Dw> Acesso em: 12/08/2019.

⁹Sobre a premiação ver: <https://g1.globo.com/economia/midia-e-marketing/noticia/2019/06/19/clipe-de-baco-exu-do-blues-ganha-premio-no-festival-de-publicidade-de-cannes.ghtml> Acesso em: 11/08/2019.

¹⁰ FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Trad. Renato de Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008, p. 181.

¹¹ Para visualizar a cena em questão ver: <https://youtu.be/-xFz8zZo-Dw?t=88> Acesso em: 07/04/2020.

A segunda cena¹² se contrapõe ao entendimento de que há um desarranjo familiar quase naturalizado no interior da população negra. Nessa imagem o filme *Bluesman* mostra a filiação entre os membros, formando uma unidade, sem retirar a particularidade de cada um, e possibilita depreender um possível conceito: a constituição africana. Tal conceito é uma consequência da anterioridade e certifica a África enquanto posição estética e epistemológica. Porém, essa constituição não é facilmente visualizada pois, em grande parte, é impedida pela lógica branco-europeia que deslegitima qualquer aproximação entre a razão e o mundo.

Os dois próximos destaques¹³ sintetizam os argumentos expostos anteriormente, já que exibem primeiro um adolescente negro sorrindo, de terno, e atrás uma estante de livros com o cartaz “Menos prisões, mais escolas” e, em segundo lugar, o protagonista do filme fitando o céu, com a pele reluzindo ao sol. Nessa transição de imagens é possível interpretar o adolescente fitando um futuro com reconhecimento de suas potencialidades e o jovem ao sol como aquele que contempla a história que o levou até aquele momento. A pele reluzente se orienta para um dos argumentos principais de *Bluesman*:

Nossa pele [preta] é de prata, ela reflete luz. Um brilho tão intenso que eu me pergunto: por que o ouro é tão querido e a prata é subvalorizada? Alguns hão de responder por que a prata é encontrada com mais facilidade. Reflita: o Brasil tem uma população de negros muito maior do que a de brancos. Temos menos valor por ser maioria? A ironia da maioria virá minoria. A prata é um metal puro, eu realmente não entendo essa necessidade da procura do ouro¹⁴.

A valorização da prata remete à própria valorização da pessoa negra, em contraposição a valorização social sobre o ouro, a pessoa branca. Tal contraposição permite explorar nesse ensaio o conceito de perversão. Não se trata de um caráter meramente sexual, mas, sobretudo, epistêmico e estético. Por isso, criar e se fundamentar em conceitos que olhares do padrão acadêmico veem de modo insuficientemente filosóficos, soa como perversão filosófica que se transforma na experiência diaspórica africana, estabelecida como liberdade.

Com tais considerações, colocamos a seguinte questão: Qual a importância de fazer da arte uma fonte da filosofia? E especificamente para este texto, qual a importância de fazer do rap uma fonte da filosofia? Essas questões surgem a partir do tema “Estética Africana” e do exercício de interpretar filosoficamente o cotidiano da nossa sociedade. Com a devida atenção de não enquadrá-las em uma teoria tradicional, o propósito é refletir como elas afetam a nossa percepção para

¹² Essa cena pode ser visualizada em <https://youtu.be/-xFz8zZo-Dw?t=216> Acesso em: 07/04/2020.

¹³ Essas cenas podem ser visualizadas em: <https://youtu.be/-xFz8zZo-Dw?t=278> e <https://youtu.be/-xFz8zZo-Dw?t=360> Acesso em: 07/04/2020.

¹⁴ O personagem do homem mais velho (interpretado pelo ator Hilton Cobra) narra esse argumento para destacar a prevalência da prata e seu brilho sobre o ouro. *Bluesman* (Filme oficial). Disponível no Youtube em: <https://www.youtube.com/watch?v=-xFz8zZo-Dw> Acesso em: 12/08/2019.

produzir conceitos filosóficos por meio da música. Em especial aqui, o álbum *Bluesman* será reconhecido como fonte para a atividade filosófica. E como a temática negro-africana ressoa por todo álbum, então a base teórica será a filosofia africana e diaspórica.

Já em 2015, ao lançar a música *Faixa Preta*, Baco Exu dava indícios do conteúdo que seria mais bem explorado no disco de 2018: a conexão entre *Esú* e *Bluesman*. É o que mostram os versos: “Sinta o poder se empodere como Exu do Blues/ Se Jesus fosse branco ele não ia pra cruz/ Saravá Oiê muito axé que os orixás me protejam dos gambés”.¹⁵ Com essa conexão, as letras de Baco Exu em *Bluesman* culminam na estética que perfaz a filosofia na diáspora africana. Por isso, nesse ensaio enfatiza-se a afecção entre o mundo e o pensamento filosófico enquanto uma via dupla, para assim orientar uma experiência através das problemáticas influenciadas por trechos de *Bluesman*.

Vamos começar...

2. Eu sou o primeiro ritmo a formar pretos ricos

*O primeiro ritmo que tornou pretos livres
Anel no dedo em cada um dos cinco
Vento na minha cara eu me sinto vivo
A partir de agora considero tudo blues
O samba é blues, o rock é blues, o jazz é blues
O funk é blues, o soul é blues
Eu sou Exu do Blues
Tudo que quando era preto era do demônio
E depois virou branco e foi aceito eu vou chamar de blues
É isso, entenda
Jesus é blues.*

(Baco Exu do Blues)¹⁶

A poesia inicial na música “Bluesman” expõe o blues como a base musical de influência africana que conecta os sons diaspóricos. Essa determinação como fonte de expressão artística da população negra conjuga com o argumento do cineasta senegalês John Akomfrah no documentário “O último anjo da história” de 1995. Akomfrah relata a lenda do bluesman Robert Johnson que, nos 1930, em

¹⁵ EXU DO BLUES, Baco. *Faixa Preta*. *OldMonkey*, Extended play. São Paulo: 999, 2015.

¹⁶ EXU DO BLUES, Baco. *Bluesman*. In: EXU DO BLUES, Baco. *Bluesman*. Op. cit.

uma encruzilhada¹⁷, teria “vendido” sua alma ao diabo e “em troca recebeu o segredo de uma tecnologia negra, uma tecnologia negra secreta, que hoje conhecemos como o blues”.¹⁸ A partir disso há um desdobramento, conforme o tempo, em outros estilos musicais: “O blues gerou o jazz, o blues gerou o soul, o blues gerou o hip-hop, o blues gerou o rhythm and blues”.¹⁹ Então, esse ritmo musical torna-se a raiz para o florescimento estético negro-africano sobre o mundo.

Essa anterioridade, conforme o próprio Akomfrah, também se apresenta na condição intelectual africana sobre os europeus. Tal comentário baseia-se no relato de Paul Gilroy²⁰ sobre uma conversa entre C.L.R James e Richard Wright em que James apontava como reflexões de Wright eram anteriores ao existencialismo francês em muitas temáticas, “como se o existencialismo fosse meramente um manual altamente codificado sobre a vida afro-americana, como se suas ideias-chave fossem apenas confirmações filosóficas de algumas das verdades sociológicas da vida negra”.²¹ Tomando tal assertiva como um gatilho, proporemos o conceito de “anterioridade” para repensar historicamente a filosofia, não como fonte meramente epistemológica, mas antes como estética, por tratar de uma posição individual e coletiva no mundo através do diálogo permanente com diferentes conhecimentos. Esse argumento assenta-se em séculos antes da denominada origem da filosofia.

Comumente, manuais de filosofia certificam a atividade filosófica como originária da Grécia antiga e o seu surgimento como meio de oposição ao mito, pois estabelece um desvelamento (*aletheia*) sobre a realidade. Porém, diversos estudiosos²² questionam tal afirmação, mostrando a anterioridade egípcia em relação à grega. Um deles é Nkolo Foé

¹⁷ A Encruzilhada é o local onde vários caminhos se encontram. E justamente por tal encontro que Simas e Rufino explicam que para várias tradições a encruzilhada possui o poder de encantamento: “Os gregos e os romanos ofertavam a Hécate, deusa dos mistérios do fogo e da lua nova, oferendas nas encruzilhadas. No alto Araguaia, era costume indígena oferecer-se comidas propiciatórias para a boa sorte nos entroncamentos de caminhos. [...] Para os africanos, o *Aluvaiá* dos bantos, aquele que os iorubas conhecem como Exu e os fons como Legba, mora nas encruzadas”. SIMAS, Luiz Antônio; RUFINO, Luiz. *Fogo no mato: ciência encantada das macumbas*. Rio de Janeiro: Ed. Mórula, 2018, p. 18.

¹⁸ AKOMFRAH, John. *The last angel of history*. Brooklyn, New York: Icarus Filmes, 1996.

¹⁹ Id.

²⁰ GILROY, Paul. *Small Acts: thoughts on the politics of black cultures*. London: Serpent's Tail: 1993.

²¹ AKOMFRAH, John. Digitopia e diáspora. In: MURARI, Lucas; SOMBRA, Rodrigo (Org.). *O cinema de John Akomfrah: Espectros da Diáspora*. Rio de Janeiro: LDC, 2017, p. 21.

²² Os estudos que se destacam no aprofundamento sobre a anterioridade e influência do Egito na Grécia antiga são DIOP, 1975; TOWA, 2014; SOW, 2012; ASANTE, 1990; KARENGA, 2003; OBENGA, 1990; JAMES, 2009; ONDÓ, 2001.

Temos aqui as dádivas divinas do Egito para Grécia, sua irmã mais jovem. Nem Tales nem Pitágoras são os autores dos teoremas que os tornaram famosos. A razão é que esses teoremas são egípcios. A começar por Platão, que viveu por 13 anos no Egito, os gregos eram muito orgulhosos desses dons que vieram do Egito. Os indícios das contribuições do Egito são visíveis nas obras de quase todos os pensadores pré-socráticos. No *Timeu*, Platão compara a antiga ciência (sábio) egípcia, feita de seriedade e de profundidade, à superficialidade do jovem espírito grego, representado por Sólon²³.

Essa anterioridade não é aceita pelo discurso hegemônico, já que o entendimento é que os conhecimentos produzidos por outros povos estariam ligados ao âmbito mítico/religioso. No entanto, se seguirmos a letra de Baco Exu que diz: “Tudo que quando era preto era do demônio/ E depois virou branco e foi aceito eu vou chamar de blues”,²⁴ podemos indagar: a contínua afirmação da origem grega não teria a incessante intenção de desvincular, não gratuitamente, o caráter negro e/ou africano do pensamento filosófico? E nesse processo é possível até propor uma inversão hierárquica, já que se voltarmos na história perceberemos a Grécia antiga não como eixo central, mas como aquilo que hoje denominamos de periferia, de margem do centro do poder. Isso teria afetado a própria definição de filosofia que, principalmente, na modernidade europeia, interpretou as contribuições filosóficas como provenientes de uma linearidade, Grécia-Roma-Europa, com base em uma segregação racial:

O que será a Europa ‘moderna’ (em direção ao Norte e ao Oeste da Grécia) não é a Grécia originária, está fora do seu horizonte, e é simplesmente o incivilizado, o não-humano. Com isso queremos deixar muito evidente que a diacronia unilinear Grécia-Roma-Europa é um invento ideológico do século XVIII romântico alemão; é então uma manipulação conceitual posterior do ‘modelo ariano’, racista²⁵.

Sendo assim, precisamos retomar a filosofia do antigo Egito para então percebermos que naquele período a preocupação era como o mundo dos vivos e dos mortos afeta o ser humano. Com tal ênfase, podemos destacar três caminhos para essa diferença entre Egito e Grécia antiga. Primeiro: o Egito antigo era denominado pelos próprios habitantes e estrangeiros como *Kemet*, que literalmente significa “terra preta”; segundo, havia uma linha cosmológica que constituía o ser humano e o próprio mundo como uma conexão entre si; e, terceiro, a relação do pensamento humano com o divino permeava os mundos, não distinguindo o pensamento racional do religioso/mítico. Com isso, o argumento de que o

²³ FOE, Nkolo. “África em questionamento, África em diálogo: universalismo ou provincialismo? Acomodação atlântica ou iniciativa histórica?” *Educar em Revista*. Trad. Roberto Jardim da Silva. Curitiba, Brasil, n. 47, pp. 175-228, jan./mar. 2013, p. 200.

²⁴ EXU DO BLUES, Baco. Bluesman. *Bluesman*, 2018. Disponível em: <https://genius.com/Baco-exu-do-blues-bluesman-lyrics> Acesso em: 07/04/2020.

²⁵ DUSSEL, Enrique. “Europa, modernidade e eurocentrismo”. In: LANDER, Edgardo (Org.). *Colonialidade do poder: eurocentrismo e ciências sociais*. Buenos Aires: CLACSO, 2005, p. 56.

aspecto religioso sobrepunha o racional nos povos fora da Grécia não tem sustento em *Kemet*, pois há, na realidade, uma conexão entre tais pensamentos. Em grande medida deve-se à força que orienta as ações humanas, representada pelo coração (*Ib*), que funciona também como elemento formador do ser humano. Por consequência dessa formação, deve-se compreender que não há uma distinção entre racional e emocional, ou a inferioridade do corpo perante a alma, e sim que o pensamento é derivado do coração. Essas características contribuem para pensarmos em uma concepção estética que se alinha ao que Baco Exu diz: “Fotografar o silêncio é tão difícil/ Fotografar o meu medo é tão difícil/ Fotografar a insegurança é tão difícil/ Eu disfarço tudo com cigarro, cerveja e sorriso”.²⁶

Essa construção da imagem que marca uma parte da totalidade humana, principalmente para produzir um equilíbrio com o mundo, associa-se ao momento de encontro com a deusa Ma’at. O principal momento desse encontro é quando o morto comparece ao julgamento final de sua vida e a deusa Ma’at o espera carregando uma balança e uma pena de avestruz. Em seguida, ela ordena que o recém-morto coloque o próprio coração na balança para que possa medi-lo e este tenha um peso igual ao de uma pena. Tal medição (*maa*) não é restrita ao momento final, mas envolve toda a existência humana para avaliar se a vida foi leve ou pesada em relação a uma pluma. Caso contrário, “se o coração for mais pesado do que a pena, a pessoa iria se encontrar com Ammit, deus com cabeça de crocodilo [...] responsável por aterrorizar as pessoas que têm o coração pesado por uma vida fora da medida (da harmonia)”.²⁷ Assim, os pensamentos, as ações e os sentimentos são medidos em sua leveza a cada instante da vida.

Assim se percebe que o julgamento não é uma normatização do certo ou errado, ou da ação boa ou má, e sim se o modo de existência conduziu à leveza do coração pois, tendo uma existência pesada, o morto fica incapacitado de se relacionar com as divindades habitantes entre os mundos. É importante acrescentar que a maneira como o corpo torna-se leve ou pesado não se conforma ao caráter individual, mas no quanto ele está em conexão com os outros corpos em geral, ou seja, é necessário equilibrar a si mesmo com o mundo. Desse modo, mesmo compreendendo a filosofia grega, principalmente a dos estoicos e dos epicuristas, como exercício espiritual²⁸, ainda assim, *Kemet* antecede essa compreensão de filosofia, principalmente por apreender a existência enquanto síntese do amor: “O Existente gera realmente outros modos de existência por

²⁶EXU DO BLUES, Baco. “Queima minha pele”. *Bluesman*, 2018. Disponível em <https://genius.com/Baco-exu-do-blues-queima-minha-pele-lyrics>. Acesso em: 09/04/2020.

²⁷ NOGUERA, Renato. “A ética da serenidade: o caminho da barca e a medida da balança na filosofia de Amen-em-ope”. *Ensaios Filosóficos*, v. VIII, Dezembro, 2013, p. 151.

²⁸ Aqui é uma alusão a Pierre Hadot que afirma: “a filosofia não consiste no ensinamento de uma teoria abstrata, menos ainda de uma exegese de textos, mas numa arte de viver, numa atitude concreta, num estilo de vida determinado, que engaja toda a existência”. HADOT, Pierre. *Exercícios espirituais e filosofia antiga*. São Paulo: É realizações: 2014, p. 22.

amor (merouty: irry.i mrvty nbt m t3 pn) e por sua *própria vontade (iri)*, sendo alma (*w'i.kwi*) por sua própria potência. O ser é absoluto; ele é também *amor e vontade*²⁹

Essa existência pelo amor também está em concordância com o silêncio pois, conforme Amenemope³⁰, discernir sobre o caminho e antecipar os percalços são ações orientadas pelo silêncio. Exercitá-lo não se trata de evitar decisões, e sim de aguardar o momento para que a fala seja ouvida: “Bom é colocar as palavras em teu coração e ruim para quem delas se descuida. [...] Ao surgir um furacão de palavras, serão um poste de ancoradouro para tua língua. Se passares tua vida com elas em teu coração, encontrarás o sucesso”³¹.

Com tal espera, a vida leve tem como ápice a serenidade, que se objetiva no *Geru Maa*, o espírito equilibrado. Ao pensarmos nas letras do Baco Exu não parece haver silêncio, ou serenidade, mas em “Queima minha pele” ele poetiza:

Ilumina meu dia, mas/ Queima minha pele/ Boca aberta e a
intenção de um gemido/ Seu corpo tem linhas que eu queria
ter escrito/ Queria largar seu corpo/ mas ele é tão bonito/
Morde minha pele pra abafar seu maior grito/ E eu penso em
acordes em silêncio/ Pra que você não acorde.³²

Com tal letra não apenas há uma preocupação do equilíbrio entre as forças dos corpos, mas também como o amor unifica razão e corpo, intelecto e emoção para construir um afeto que emana o equilíbrio com quem compartilha o mundo. Com isso, a anterioridade *kemética* torna-se visível justamente por ressaltar que as ações humanas não são julgadas por um *dever-ser*, elas *estão sempre em relação* e não há uma moral no sentido da pura formalidade, abstrata, e que preza pela transcendência. Antes de tudo, as ações humanas tendem para a estética da serenidade que contempla a imanência, a própria vida.

Porém, grande parte do Ocidente, ao articular o imaginário sobre a pessoa negra, oculta a sua potência de vida e apenas propaga o símbolo do diabólico: “*Na Europa, o Mal é representado pelo negro*. [...] O carrasco é o homem negro, Satã é negro, fala-se de trevas, quando se é sujo, se é negro – tanto faz que isso se refira à sujeira física ou à sujeira moral”³³. Essa contínua nomeação, por efeito, provoca o dilaceramento espiritual e o afastamento da pessoa negra diante do mundo. Sobre isso Baco Exu canta em *Minotauro de Borges*...

²⁹ OBENGA, Théophile. *La Philosophie africaine de la période pharaonique: 2780-330 avant notre ère*. Paris: Editions L'Harmattan, 1990, p. 59.

³⁰ AMENEMOPE. Os ensinamentos de Amenemope. In: ARAÚJO, Emanuel. *Escritos para a Eternidade*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2000, p. 262.

³¹ Ibid., pp. 263 -264.

³² EXU DO BLUES, Baco. “Queima minha pele”. *Bluesman*, 2018. Disponível em: <https://genius.com/Baco-exu-do-blues-queima-minha-pele-lyrics> Acesso em: 07/04/2020.

³³ FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Op. cit., p. 160. Grifo nosso.

3. Dizem que o céu é o limite

Eles se perguntam: 'por que esse negro não cai?'
Fixei roda punk com os anjos
Pintei o Éden de preto
Fui ghostwriter de Beethoven
Escrevi vários sonetos
Cortei minhas asas
Vejam minhas cicatrizes
Eu vi Deus em depressão
O ajudei com suas crises

(Baco Exu do Blues)³⁴

O tema do suicídio é destaque nessa música que, por efeito, causa desconforto a alguns ouvidos por justamente ir de encontro àquilo que se espera de uma masculinidade negra: a força bruta, exacerbação de rudez que, quase como uma pedra, não deixa as fraquezas se manifestarem. Porém, Baco Exu mostra como o dilaceramento espiritual no corpo negro o impediu de se conectar com a própria subjetividade, já que alimentava equivocadamente adentrar no mundo apropriado pela branquitude. Diante da porta que permanecia fechada, restou apenas o grito de revolta: “Bebo da depressão; até que isso me transborde; vencer me fez vilão; eu sou o minotauro de Borges”,³⁵ o que acaba sendo confundido com violência gratuita.

Esse dilaceramento faz da construção da subjetividade africana nas pós-colônias parte de um processo que para Achille Mbembe³⁶ tem origem no comércio transatlântico de escravizados, resultando na vivência de africanos como distantes localmente do seu território originário. Contudo, por mais que houvesse estratégias de esquecimento, o corpo trazia os traços ancestrais e, por conseguinte, a ancestralidade tornou-se uma via privilegiada para reescrever a própria subjetividade. Inclusive, por meio dela, quem “já pintou o éden de preto” entende que a constituição africana pulsa o mundo.

O problema é que o entendimento dessa constituição torna-se cada vez mais difícil, pois quando o modo de ser negro no mundo é pensado a partir das normatizações da branquitude, então é recorrente a expectativa de fracasso. Com

³⁴ EXU DO BLUES, Baco. Minotauro de Borges. In: EXU DO BLUES, Baco. *Bluesman*. Op. cit. Disponível em: <https://genius.com/Baco-exu-do-blues-minotauro-de-borges-lyrics>. Acesso em: 07/04/2020.

³⁵ Id.

³⁶ MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. Trad. Marta Lança. Lisboa: Editora Antígona, 2014, pp. 154-161.

isso, a pessoa negra entra em conflito e tem a experiência de vida associada a noções de subalternidade, de primitivismo, de selvageria, criando, assim, uma dependência com a hegemonia branca: “A ontologia, quando se admitir de uma vez por todas que ela deixa de lado a existência, não nos permite compreender o ser [da pessoa negra]. Pois [ela] não tem mais de ser negra, mas sê-la diante do branco”.³⁷ E essa tentativa representa uma recusa de si mesma para alcançar validade de conhecimento ou de sensação de mundo, mesmo que venha a abolir seus costumes, sua instância de referência, já que as consciências das pessoas negras “estavam em contradição com uma civilização que não conheciam e que lhes foi imposta”.³⁸ Dessa maneira, a pessoa negra direciona esperanças para alcançar humanidade diante do branco, mas as incertezas do corpo que a razão ocidental não consegue decifrar o fazem perdurar como negação: “O conhecimento do corpo é unicamente uma atividade de negação. É um conhecimento em terceira pessoa. Em torno do corpo reina uma atmosfera densa de incertezas”.³⁹ Dessas incertezas surgem a rede de controle das potencialidades corporais na qual a pessoa negra passa a ignorar a si mesma e produzir empatias às idiosincrasias da branquitude: “Eles querem que eu mate e morra pelo ouro/ Querem que eu mate e morra por mulheres brancas/ Querem que eu mate e morra pelo meu ego”,⁴⁰ quando, no fundo, “Eles se perguntam: ‘por que esse negro não cai?’”⁴¹

A partir disso, está posta a armadilha para enfraquecer as interpretações de mundo das pessoas negras incitando a desconfiança das potencialidades do próprio corpo. Com essa desconfiança, aquilo que seria uma vivência com o mundo acaba por gerar um afastamento de si mesmo e a morte passa a representar o caminho para ser ouvido: “Depois que eu morri com um tiro na cabeça/ Sempre que um preto faz dinheiro grita: ‘Baco vive, Baco vive’”.⁴² Todo esse movimento se baseia no “desempregado”, pois quanto mais branco, mais aceito na sociedade. Por isso, a metáfora de Baco Exu sobre a prata como pele negra em relação ao ouro da pele branca consiste em manter o próprio resplandecer, mesmo com as tentativas de apagamento: “Virei imortal ao aceitar, sua pele é prata/ Virei imortal ao aceitar, minha pele é prata/ Nós vive pela prata tá-tá-tá tá-tá-tá/ Nós mata pela prata tá-tá-tá tá-tá-tá/ Protegemos a prata tá-tá-tá tá-tá-tá/ Nós negros somos prata tá-tá-tá tá-tá-tá”.⁴³

Partindo da condição reluzente da pele prata é possível fazer outra leitura daquilo que Georges Didi-Huberman alude acerca da morte dos vaga-lumes (metáfora do fim da inocência diante do fascismo):

³⁷ FANON Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Op. cit., p. 104.

³⁸ Id.

³⁹ Id.

⁴⁰ EXU DO BLUES, Baco. Minotauro de Borges. In: EXU DO BLUES, Baco. *Bluesman*, São Paulo: 999, 2018. Disponível em: <https://genius.com/Baco-exu-do-blues-minotauro-de-borges-lyrics> Acesso em: 07/04/2020.

⁴¹ Id.

⁴² Id.

⁴³ EXU DO BLUES, Baco. “Preto e Prata” Op. cit. Disponível em <https://genius.com/Baco-exu-do-blues-preto-e-prata-lyrics> Acesso em: 09/04/2020.

Primeiro, desapareceram mesmo os vaga-lumes? Desapareceram todos? Emitem ainda – mas de onde? – seus maravilhosos sinais intermitentes? Procuram-se ainda em algum lugar, falam-se, amam-se apesar de tudo, apesar do todo da máquina, apesar da escuridão da noite, apesar dos projetores ferozes?⁴⁴

Pode ser associada ao aniquilamento da subjetividade negro-africana através da experiência e da imagem que a branquitude tenta formar na pessoa negra incitando a renúncia dos sonhos, das crenças e das amizades. Como resposta à “morte dos vaga-lumes”, podemos recorrer a Fanon que exclama sobre o dever de deixar:

Essa Europa que não cessa de falar do homem enquanto o massacra por toda a parte onde o encontra em todas as esquinas de suas próprias ruas, em todas as esquinas do mundo. Há séculos que a Europa impede o avanço dos outros homens e os submete a seus desígnios e à sua glória; há séculos que, em nome de uma suposta ‘aventura espiritual’, vem asfixiando a quase totalidade da humanidade⁴⁵.

E justamente em cada esquina, a experiência vivida da pessoa negra constitui-se no abandono do eu e do outro e, não gratuitamente, ela adocece mentalmente, tanto que na época atual o suicídio da população negra alcança números maiores em relação aos da população branca⁴⁶. Isso em grande medida é efeito da ação colonizadora que simboliza o corpo negro como negatividade pura, e as dificuldades em refutar essa simbolização devem-se à estratégia da branquitude em criar uma cisão entre corpo e mente por meio da unilateralidade de reconhecimento. Ainda mais que a consciência branca tenta ignorar qualquer validade de experiência negra no mundo:

Quando acontece de o preto olhar o branco com ferocidade, o branco lhe diz: ‘Meu irmão, não há mais diferença entre nós’. Entretanto o negro *sabe* que há uma diferença. Ele a *solicita*. Ele gostaria que o branco lhe dissesse de repente: ‘Preto sujo!’ Então ele teria uma oportunidade única de ‘lhe mostrar’.

⁴⁴ DIDI-HUBERMAN, Georges. *Sobrevivência dos vaga-lumes*. Trad. Consuelo Salomé. Belo Horizonte: EDUFMG, 2011, p. 45.

⁴⁵ FANON, Frantz. *Condenados da terra*. Trad. Enilce Albergaria Rocha. Juiz de Fora: UFJF, 2010, p. 271.

⁴⁶ Segundo o documento publicado pelo Ministério da Saúde em 2019 (Disponível em: http://bvsm.sau.de.gov.br/bvs/publicacoes/obitos_suicidio_adolescentes_negros_2012_2016.pdf Acesso em: 09/04/2020) houve um aumento do número de suicídio entre o grupo racial preto e pardo da população brasileira nos anos 2012 e 2020. A revista “Alma Preta” ressalta que esse aumento tem o racismo como fator mais influente para tal acontecimento. Ver em: <https://www.almapreta.com/editorias/realidade/jovens-homens-negros-sao-67-mais-vitimas-de-suicidio-do-que-os-brancos>. Acesso em: 11/08/2019.

Porém normalmente não acontece nada, nada além da indiferença, ou da curiosidade paternalista⁴⁷.

Em contraposição a tal consciência, é necessário retomar a constituição africana do mundo através da compreensão da estética *bluesman* poetizada na música intitulada “B.B. King”...

4. 1903

*A primeira vez que um homem branco observou um homem negro
Não como um “animal” agressivo ou força braçal desprovida de inteligência
Desta vez percebe-se o talento, a criatividade, a música!
O mundo branco nunca havia sentido algo como o blues
Um negro, um violão e um canivete
Nasce na luta pela vida, nasce forte, nasce pungente
Pela real necessidade de existir!*

*(Baco Exu do Blues)*⁴⁸

As palavras que compõem a última parte do álbum revelam o jogo estético-político como eixo primordial para analisar a realidade, justamente por trazer à tona o terceiro elemento de uma experiência negro-africana: a perversão. Normalmente atribuída ao caráter sexual, ameaçador, viril e com intensa lascividade, a perversão não se limita às expressões da sexualidade; se faz também nos discursos de poder em que um corpo estereotipado como selvagem produz narrativas que pervertem as normas e criam outras possibilidades de produzir conhecimento. Como também resume a expressão de Baco Exu sobre a relação do profano e do sagrado como meio de posicionamento no mundo:

Sempre que gozo dentro, eu me sinto profano/ Ela sorri e fala:
Baco, eu te amo/ Se lembre: Você é humano/ Cê é forte,
agente o dano/ Dominar o mundo não é mais só um plano/
Tudo que a concorrência faz me soa mediano/ Cês juntam
umas palavra e acham que tão rimando/ Domine o campo
igual Cristiano/ Cê entrou duas vezes pra história em dois
anos/ Só com 22 dois anos/Você rima como se fosse o BB
King solando/ Autoestima, eu te amo⁴⁹

⁴⁷ FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Op. cit., p. 183. Grifo nosso.

⁴⁸ EXU DO BLUES, Baco. “B.B. King”. *Bluesman*, 2018. Disponível em :
<https://genius.com/Baco-exu-do-blues-bb-king-lyrics>. Acesso em: 09/04/2020.

⁴⁹ EXU DO BLUES, Baco. “B.B. King”. *Bluesman*. Op. cit., Disponível em:
<https://genius.com/Baco-exu-do-blues-bb-king-lyrics>. Acesso em: 09/04/2020.

O lado criativo da perversão não é ouvido, já que o mundo branco vê na pessoa negra a imagem de um animal agressivo e com o apetite voraz sobre a pureza branca: “Diante do negro, o branco contemporâneo sente a necessidade de recordar o período antropofágico”.⁵⁰ Assim a dialética do reconhecimento permanece incompleta, pois a afirmação da humanidade surge quando há um reconhecimento mútuo que traduz sentido para vida: “Enquanto ele não é efetivamente reconhecido pelo outro, é este outro que permanece o tema de sua ação. É deste outro, do reconhecimento por este outro que dependem seu valor e sua realidade humana”.⁵¹ E acerca do reconhecimento, Fanon acrescenta que esse movimento torna-se possível quando as imagens esperadas, frequentemente negativas, de uma pessoa negra adentram na própria condição de ser e, mesmo assim, trazem à tona as narrativas invisibilizadas pelo mundo branco: “É na medida em que ultrapasso meu ser imediato que apreendo o ser do outro como realidade natural e mais do que natural”.⁵² Uma realidade repleta de desejo e de uma vontade de supressão da imediatez e da imagem comum que, envolta de riscos, orienta o ser humano para a luta:

A realidade humana em-si-para-si só consegue se realizar na luta e pelo risco que envolve. Este risco significa que ultrapasso a vida em direção a um bem supremo que é a transformação da certeza subjetiva, que tenho do meu próprio valor, em verdade objetiva universalmente válida⁵³.

E para Baco Exu, o blues mostra a sua importância para afirmar a própria condição diaspórica africana através da pungência pela “real necessidade de existir”.⁵⁴ Existência encarnada naqueles e naquelas zulus, igbos, suahilis, malês, bacongos que tiveram toda a complexidade de idiomas e de culturas reduzidos a uma palavra: *negro*, mas tais grupos produziram a própria historicidade e superaram o negativo tornando-se pura afirmação:

Eu não abaixo a cabeça, não vou te obedecer/
Ser preto de estimação não, eu prefiro morrer/
Sinhozinho eu troco soco nunca fui de correr/
Feche os olhos eu vi Deus nascer/
Eu me vi nascer, eu te vi nascer/
Tão livre que nem a polícia pode me prender/
Suas palavras não vão me ofender/
Apaga a luz tente me entender/
Sinta a África pra me entender⁵⁵.

Retomando o início desse ensaio em que citamos o relato do encontro entre Robert Johnson e o diabo, caso seja verídico, podemos traduzir esse encontro como liberdade para o negro-africano. Primeiro como o processo missionário cristão colonial ao deparar-se com as estátuas fálicas de Exu o transformou em diabo, imaginou-se que assim lhe retiraria toda a sua potência, mas ele domina a

⁵⁰ FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Op. cit, p. 187.

⁵¹ *Ibid.*, p. 180.

⁵² *Id.*

⁵³ *Ibid.*, p. 281.

⁵⁴ EXU DO BLUES, Baco. “BB King”. In: *Bluesman*. São Paulo: 999, 2018.

<https://genius.com/Baco-exu-do-blues-bb-king-lyrics> Acesso em: 07/04/2020.

⁵⁵ *Id.*

encruzilhada e, enquanto tal, reforça diariamente sua função de mensageiro de todos os caminhos. Com isso, Robert Johnson fez contato com Exu que o entregou o blues, a tecnologia que libertou a população negra do jugo colonial de bestialização: “A primeira vez que um homem branco observou um homem negro/ Não como um ‘animal’ agressivo ou força braçal desprovida de inteligência/ Desta vez percebe-se o talento, a criatividade, a música!”.⁵⁶ Observação que rompe com a determinação de coisidade, de manusear o outro como propriedade e de limitar os modos de ser: “Eu não sou apenas aqui-agora, enclausurado na minha coisidade. Sou para além e para outra coisa. [...] na medida em que luto pelo nascimento de um mundo humano, isto é, um mundo de reconhecimentos recíprocos”.⁵⁷ A reciprocidade requerida pela figura do *bluesman* que desde o início do ensaio requer a colocação da pergunta: “O que é ser *bluesman*?”, segue a resposta:

5. É ser o inverso do que os outros pensam

*É ser contra corrente, ser a própria força, a sua própria raiz
É saber que nunca fomos uma reprodução automática da imagem submissa que foi
criada por eles
Foda-se a imagem que vocês criaram. Não sou legível
Não sou entendível
Sou meu próprio Deus, meu próprio santo, meu próprio poeta
Me olhe como uma tela preta, de um único pintor
Só eu posso fazer minha arte
Só eu posso me descrever
Vocês não têm esse direito
Não sou obrigado a ser o que vocês esperam! Somos muito mais!
Se você não se enquadra ao que esperam
Você é um bluesman!*

(Baco Exu do Blues)⁵⁸

Toda essa poesia final marca uma posição de Baco Exu que ultrapassa o próprio cenário musical, pois nos incita a pensar em diferentes *bluesman* e *blueswoman*, figuras ocultadas da nossa cultura. O poder delas é, justamente, de desocultar o

⁵⁶ Id.

⁵⁷ FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Op. cit, p. 181.

⁵⁸ EXU DO BLUES, Baco. B.B. King. In: EXU DO BLUES, Baco. *Bluesman*. São Paulo: 999, 2018. <https://genius.com/Baco-exu-do-blues-bb-king-lyrics> Acesso em: 07/04/2020.

nosso entendimento acerca da filosofia nas sociedades colonizadas. Atualmente recorremos à descolonização como forma de saída do colonialismo, entretanto, as figuras coloniais se diversificam com o propósito de nos fazer esquecer a construção múltipla de vozes e olhares do mundo. Um esquecimento que tem a sua efetividade naquilo que Aimé Césaire alerta como atuação psicológica para “fazer vacilar os conceitos sobre os quais os colonizados poderiam construir e reconstruir o mundo”,⁵⁹ principalmente para as novas experiências que emergem e integram unidade entre os elementos tradicionais e contemporâneos, até mesmo fazendo uso de elementos hegemônicos e misturá-los ao nosso cotidiano. Com o cuidado para não alimentar o complexo de inferioridade que, contra isso, é necessário à compreensão de uma condição psicológica, audácia histórica e confiança em si. Em outras palavras, é preciso “conservar a *iniciativa histórica*; [...] O que é incompatível com o colonialismo”.⁶⁰

Césaire ainda explica que desde o primeiro dia, o colonizador tenta retirar as potencialidades do colonizado para enquadrá-lo em uma série de normas e expectativas que tendem a regular a capacidade de fala através de uma dialética da necessidade. Tal dialética se constitui pela vivência de elementos ora estranhos, mas transformados pela comunidade como seus: “Elementos estranhos tomaram-se meus, passaram para o meu ser, porque posso dispor deles, porque os posso organizar no meu universo, porque os posso adaptar às minhas necessidades, porque estão à minha disposição e não à sua”.⁶¹ A colonização almeja que os elementos estranhos permaneçam como tal e não sejam transformados em potências cotidianas, que as palavras e as técnicas estrangeiras mantenham-se distantes e como propriedade de brancos: “Os elementos estranhos são colocados no seu solo, mas permanecem-lhe estranhos. Coisas de brancos. Maneiras de brancos. Coisas que rodeiam o povo indígena, mas sobre as quais o povo indígena não tem poder”.⁶²

Opondo-se a isso, o *bluesman* inventa a própria existência (“sou meu próprio Deus, meu próprio santo, meu próprio poeta”⁶³) e rompe qualquer expectativa, pois “somos muito mais”.⁶⁴ Isso soa como um acréscimo para criar a própria dialética que perpassa pela anterioridade, pela constituição e pela perversão. Essa tríade põe a estética como princípio da atividade filosófica da diáspora além de inverter a demonização negra para a divinização africana. Com tal inversão

⁵⁹ CÉSAIRE, Aimé. “Cultura e Civilização”. In: SANCHES, Marcela Ribeiro. *As malhas que os impérios tecem: textos anticoloniais, contextos pós-coloniais*. Lisboa: Edições 70, 2011, p. 269.

⁶⁰ Id.

⁶¹ Ibid., p. 268.

⁶² Id.

⁶³ EXU DO BLUES, Baco. “B. B. King”. Op. cit. Disponível em <https://genius.com/Baco-exu-do-blues-bb-king-lyrics> Acesso em: 07/04/2020.

⁶⁴ Id.

formula-se a cosmopercepção de que, com “três nove na camisa”, já “me sinto um rei”⁶⁵ e implica a própria compreensão do fazer filosofia, pois...

É isso, entenda,

Filosofia é blues!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMENEMOPE. “Ensinaamentos de Ame-ne-mope”. In: ARAÚJO, Emanuel. *Escritos para a Eternidade*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2000.
- ASANTE, Molefi Kete. *Kemet, Afrocentricity, and Knowledge*. Trenton: Africa WorldPress, 1990.
- AKOMFRAH, John. *O último anjo da história*. Reino Unido: Black Audio Film Collective, 1995.
- AKOMFRAH, John. “Digitopia e espectros da diáspora”. In: MURARI, Lucas; SOMBRA, Rodrigo (Org.). *O cinema de John Akomfrab: Espectros da diáspora*. Rio de Janeiro: LDC, 2017.
- CESAIRE, Aimé. “Cultura e colonização”. In: SANCHES, Marcela Ribeiro. *As malhas que os impérios tecem: textos anticoloniais, contextos pós-coloniais*. Lisboa: Edições 70, 2011.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *Sobrevivência dos vagalumes*. Trad. Vera Casa nova e Márcia Arbex. Belo Horizonte: EDUFMG, 2011.
- DIOP, Cheikh Anta. *Nation Nègre et Culture: de l'antiquité nègre égyptienne aux problèmes culturels de l'Afrique Noire d'aujourd'hui*. Paris: Présence Africaine.
- DUSSEL, Enrique. “Europa, Modernidade e Eurocentrismo”. In: LANDER, Edgardo (Org.). *Colonialidade do poder: Eurocentrismo e Ciências Sociais*. Buenos Aires: CLACSO, pp. 227-278.
- EXU DO BLUES, Baco. *OldMonkey (Ep)*. 999, 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mobApTP5FwI> Acesso em: 28/08/2019.
- EXU DO BLUES, Baco. *Esú*. 999, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rWwZuscT5Xg&t=199s> Acesso em: 28/08/2019.
- EXU DO BLUES, Baco. *Bluesman*. 999, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SoTkm5LkGKg&t=467s> Acesso em: 28/08/2019.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Trad. Renato de Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

⁶⁵ Id.

- FANON, Frantz. *Condenados da Terra*. Trad. Elenice Albergaria Rocha. Juiz de Fora: UFJF, 2010.
- FOE, Nkolo. “África em diálogo, África em autoquestionamento: universalismo ou provincialismo? ‘Acomodação de Atlanta’ ou iniciativa histórica?” *Educar em Revista*. Trad. Roberto Jardim da Silva. Curitiba, Brasil, n. 47, pp. 175-228, jan./mar, 2013.
- HADOT, Pierre. *Exercícios espirituais e filosofia antiga*. São Paulo: É Realizações, 2014.
- KARENGA, Maulana. *Maat: the moral idea in ancient Egypt*. Nova York: Routledge, 2004.
- JAMES, George. *Stolen Legacy: Greek Philosophy is Stolen Egyptian Philosophy*. London: The Journal of Pan African Studies, 2009.
- MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. Trad. Marta Lança. Lisboa: Antígona, 2014.
- NOGUERA, Renato. “A ética da serenidade: o caminho da barca e a medida da balança na filosofia de Amen-em-ope”. *Ensaios filosóficos*, Rio de Janeiro, v. VIII, pp. 139-155, Dezembro, 2013.
- OBENGA, Theophile. *La philosophie africaine de la période pharaonique: 2780-330 avant notre ère*. Paris: Editions L’Harmattan, 1990.
- ONDÓ, Eugênio Nkogo. *Síntesis sistemática de la filosofía africana*. Barcelona: Carena, 2001.
- SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. *Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas*. Rio de Janeiro: Módulo, 2018.
- SOW, Ibrahima. *La philosophie africaine: du pourquoi au comment*. Dakar: NENA, 2012.
- TOWA, Marcien. *A ideia de uma filosofia negro-africana*. Belo Horizonte: Ed. Nandyala, 2015.

Artigo recebido em: 28/08/2019 e aceito em: 20/01/2020